



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Andrade de Melo, Victor  
O ESPORTE E A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE ANGOLA  
Afro-Ásia, núm. 40, 2009, pp. 9-49  
Universidade Federal da Bahia  
Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77019782001>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## O ESPORTE E A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE ANGOLA

*Victor Andrade de Melo* \*

### Introdução

Muitos dos princípios analíticos utilizados em estudos acerca do papel desempenhado pelo desporto em meio colonial, nomeadamente em trabalhos sobre as possessões francesas e britânicas, suscitam questões aplicáveis à análise do caso português. O benefício trazido pela comparação entre modelos nacionais não dispensa, porém, um escrutínio mais singular que remeta o objecto para o contexto particular das sociedades em estudo. A hipotética especificidade portuguesa deve ser estilhaçada em estudos sobre espaços de colonização concretos pela investigação das estruturas sociais locais, das dinâmicas regionais, dos padrões de desenvolvimento.<sup>1</sup>

Bill Shankly, um dos personagens mais importantes da história do velho esporte bretão, técnico da equipe do Liverpool (Inglaterra) na década de 1960, certa vez afirmara: “O futebol não é uma questão de vida ou morte. É muito mais do que isso”.

Mais do que uma frase de efeito, é inegável o grau de mobilização que se observa ao redor desse que é considerado o esporte mais

\* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Coordenador do “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer/PPGHC/IFCS/UFRJ ([www.lazer.eefd.ufrj.br/sport](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/sport)).

<sup>1</sup> Nuno Domingos, “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”, *Análise Social*, vol. XLI, n. 179 (2006), p. 397.





popular do planeta. Basta perceber o que ocorre por ocasião da realização de uma Copa do Mundo de Futebol. No Brasil, por exemplo, as cidades praticamente param quando entra em campo o selecionado nacional, as ruas são enfeitadas, e, caso a equipe sagre-se vencedora, uma multidão sai de casa para festejar, confraternizar, celebrar a conquista de algo que, aparentemente, nada mudará na vida de cada envolvido. Dificilmente alguém consegue ficar totalmente alheio à euforia contagiatante desses dias.

Algo semelhante parece ocorrer em Angola. No documentário *Oxalá cresçam as pitangas* (Ondjaki e Kiluanje Liberdade, 2006), um panorama contemporâneo do país, que vive um momento de reconstrução após anos de conflito armado, podemos ter uma ideia das efusivas comemorações da população de Luanda, por ocasião da classificação de seu selecionado para a Copa do Mundo de Futebol de 2006 (Alemanha): as ruas foram tomadas por pessoas das mais diversas faixas etárias; os jogadores foram recebidos como verdadeiros heróis nacionais; a alegria era geral.

No dia seguinte à vitória sobre Ruanda (por 1 x 0), que classificou o país para a competição, o diário estatal *Jornal de Angola* (9 de outubro de 2005) dedicou 16 páginas à “conquista milagrosa”, e o presidente José Eduardo dos Santos declara: “Foi um momento de grande emoção”, a “realização de um sonho” e “um grande passo adiante para o país”. Mesmo quando a equipe foi eliminada, já na primeira fase do torneio, cerca de 50 mil torcedores aguardaram no aeroporto de Luanda a volta do selecionado, saudando-o com cartazes que continham mensagens como “obrigado” e “somos especiais”.

Dados do Ministério da Juventude e do Desporto informam que há mais de 90 clubes de futebol em Angola. Esse esporte, contudo, não reina só: divide as preferências com o basquete, outra modalidade na qual o selecionado nacional tem obtido bons resultados, inclusive a conquista do Campeonato Masculino Africano/2007, sediado no país. A organização desse evento, aliás, mobilizou grande esforço público e governamental e acirrou ainda mais a relação dessa prática esportiva com a população.

Não surpreende que a presença desse esporte tenha sido também notada pelos cineastas locais, tal a sua popularidade. No celebrado



filme *O Herói* (2004), de Zezé Gamboa, logo a segunda sequência, que se segue a uma panorâmica inicial de Luanda, retrata jovens jogando basquete em uma das muitas quadras que se espalham pela cidade. Mas é mesmo no já citado documentário de Ondjaki e Kiluanje Liberdade que podemos ver claramente como essa modalidade esportiva se insere no cotidiano da capital.

No caso do basquete, há uma peculiaridade: está relacionado à construção de uma cultura *street*, uma articulação da prática com o movimento *hip hop* em suas diferentes manifestações (o *b-boy* e o *break*, o grafite e a música em si). A natureza do diálogo com o contexto norte-americano, local de origem da cena *hip hop*, inicialmente uma forma de resistência dos jovens negros, merece uma consideração cuidadosa, devendo ser tratada antes como uma ressignificação, um diálogo com as especificidades culturais locais, a gestação de algo específico, do que como imposição estrangeira.

Da mesma maneira, o futebol dialoga com o cenário internacional, só que mais diretamente com os resultados e as competições desenvidadas sob o guarda-chuva da multinacional Federação Internacional de Futebol (FIFA). De qualquer forma, ambas as modalidades demonstram grande poder de mobilização popular em Angola.

O grau de popularidade e penetrabilidade do esporte por todo o mundo é realmente impressionante. Há mais afiliados à FIFA e ao Comitê Olímpico Internacional (COI) do que à Organização das Nações Unidas (ONU). As duas maiores audiências televisivas do planeta são obtidas por ocasião de duas competições esportivas: a já citada Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos.

Desde o século XIX, notadamente a partir do momento em que claramente se estabelece mais diretamente a vinculação do esporte à ideia de “saúde”, muitos são os produtos e as iniciativas que com ele se buscam relacionar. A prática é identificada como uma “forma de viver”: o mercado ao redor do campo não só faz uso das imagens esportivas para vender o que deseja, como também, nesse processo, ajuda a construir e reforçar sentidos e significados sociais, difunde maneiras de se portar, estimula a aquisição de hábitos, costumes, atitudes e comportamentos.



Por certo, por tais características, o esporte foi e continua sendo utilizado por regimes políticos e administrações governamentais como estratégia para encaminhar suas propostas de intervenção social e/ou de propaganda de uma suposta eficácia administrativa. Não se deve negligenciar o fato de que é um dos mais potentes elementos de construção de uma identidade nacional.<sup>2</sup>

Como isso terá ocorrido em Angola, onde, de acordo com os dados preliminares aqui apresentados, o esporte parece ocupar espaço de grande importância? A prática esportiva teria alguma relação com a construção de uma ideia de nação? Que papel o esporte ocupou em sua história? Este artigo tem por objetivo apresentar alguns apontamentos sobre essas questões, partindo do período colonial e chegando até os dias atuais, em que se apresentam os desafios de construir uma nação depois de muitos anos de conflito bélico.<sup>3</sup>

Antes de partirmos para a discussão, algumas ressalvas se fazem necessárias. O nosso intuito é tratar do esporte como um todo, mas perceber-se-á que há mais informações sobre o futebol. Isso se dá em

<sup>2</sup> No Brasil, essa temática já tem sido constantemente discutida. Pioneiramente, as considerações de Gilberto Freyre, acerca de uma possível originalidade brasileira na forma de jogar futebol, inspiraram as reflexões de dois importantes intelectuais: Mário Filho, que, em 1947, escreveu o importante *O negro no futebol brasileiro* (relançado pela última vez em 2003, Editora Mauad) e José Lins do Rego, torcedor fanático do Clube de Regatas do Flamengo, cuja produção literária constantemente incorporava a discussão sobre o papel do esporte na formação cultural brasileira. Para maiores informações sobre a obra de Mário Filho, ver Antonio Jorge Soares, “História e a invenção de tradições no campo do futebol”, *Estudos Históricos*, vol. 13, n. 23 (1999), pp. 119-46, e Antonio Jorge Soares, “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”, in Pablo Alabarces (org.), *Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina* (Buenos Aires, CLACSO, 2003), pp. 145-62. Para maiores informações sobre Rego, ver Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, *Com brasileiro, não há quem possa!* São Paulo: Editora da Unesp, 2004. Nas décadas de 1970 e 1980, a temática se tornou mais estudada: percebe-se o início de uma realização mais frequente de investigações que têm o esporte como objeto. A partir da década de 1990, percebem-se a proliferação e o aperfeiçoamento das iniciativas de pesquisa: busca-se discutir mais profundamente o espaço e o papel da prática esportiva na construção sociocultural nacional. Para maiores informações, ver Victor Andrade de Melo, “Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites”, *Movimento*, Porto Alegre, vol. 13, n. 3 (2007).

<sup>3</sup> O aprofundamento dessas questões está em andamento no âmbito do projeto “Esporte, Colonialismo e Pós Colonialismo no Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, desenvolvido com recursos do CNPq e da Faperj. Mais informações em [www.sport.ifcs.ufrj.br](http://www.sport.ifcs.ufrj.br), acessado em 19/06/2010.





função da popularidade e da grande presença desse esporte específico no país investigado. De toda forma, sempre que possível, de acordo com as fontes/informações que conseguimos obter, faremos referência a outras práticas esportivas. Com isso, não negligenciaremos que cada modalidade mereça uma investigação específica e mesmo que seja produtiva uma comparação entre as distintas práticas. Todavia, como esse estudo trata de um panorama, buscamos abordar um sentido geral para o esporte, o que nos leva a protelar para o futuro essas outras possibilidades de pesquisa.

Nesse artigo, inicialmente discutiremos as relações entre o Brasil e Angola no decorrer do tempo, buscando indicadores para refletir sobre o esporte nesse contexto. A partir daí, abordando alguns aspectos da história do país, tentaremos aproximar-nos das respostas às questões anteriormente lançadas acerca da presença da prática esportiva. Ressalva-se que, em função de tratar-se de apontamentos iniciais, citaremos outros países africanos de língua portuguesa (notadamente Moçambique), no intuito de verificar possibilidades de diálogo com o contexto africano como um todo.

Certamente artigos como este, cujo intento maior é de natureza panorâmica, correm o risco de alguma superficialidade. Contudo, considerando o desconhecimento das questões centrais que o motivam, cremos que o seu potencial está em permitir mapear os esforços básicos de investigação que devemos entabular, para que possamos melhor compreender a presença e o papel do esporte na construção da ideia de nação em Angola. Cartografar o terreno parece ser um procedimento adequado para uma aproximação inicial.

### **Motivações: o cenário político, a possibilidade acadêmica, o estado da arte**

O estudo das relações entre Angola e Brasil sempre sofreu as consequências do pouco interesse acadêmico brasileiro pela margem oposta do Atlântico, postura que tem sido alterada significativamente na última década [...]. A grande maioria dos estudos sobre as relações entre An-



gola e Brasil [...] ainda se concentra no período de contato mais intenso, violento e de longa duração: o tráfico de escravos.<sup>4</sup>

Algumas motivações impulsionaram o desenvolvimento dessa investigação. Foram intensas e múltiplas as relações estabelecidas entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa. Contudo, como bem aponta Marcelo Bittencourt para o caso de Angola,<sup>5</sup> o que certamente pode ser extrapolado para as outras nações lusofalantes da África, compreender tais relacionamentos nem sempre se estabeleceu como prioridade para o pensamento intelectual brasileiro.

A riqueza dos relacionamentos estabelecidos com os países africanos é algo que deve ser mais bem compreendido, sendo fundamental não só para o âmbito das Relações Internacionais, a partir de uma compreensão mais profunda do cenário geopolítico contemporâneo, como também para que possamos ampliar o grau de entendimento de nossa própria história, a partir de novas questões que vão emergir do contraste entre essas realidades.

No que se refere ao continente africano, por certo podemos observar mudanças alvissareiras nesse quadro de distanciamento. Percebe-se o crescimento do interesse e do maior número de investigações e de iniciativas de intercâmbio, algo para o qual certamente têm contribuído os editais lançados pelas agências de fomento brasileiras (Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP e Pró-África). Como aponta Bittencourt:<sup>6</sup>

Esse interesse tem sido acompanhado (ou será a causa?) da abertura de disciplinas ligadas à temática africana nos departamentos de história e ciências sociais. O que se traduz em espaço de trabalho, estímulo para o professor ampliar seus conhecimentos, expansão dos grupos de interesse [...]. Vivemos, portanto, um momento de amplas possibilidades no campo de estudos africanos no Brasil. Cabe a nós, pessoas interessadas em aprofundar esses conhecimentos e em divulgar tais percursos, a

<sup>4</sup> Marcelo Bittencourt, “As relações Angola-Brasil: referências e contatos”, in Rita Chaves, Tânia Macedo e Carmen Secco (orgs.), *Brasil-África: como se o mar fosse mentira* (Maputo: Imprensa Universitária/Universidade Eduardo Mondlane, 2003), p. 87.

<sup>5</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 89.

<sup>6</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 116.





tarefa de expandir esses estudos e vencer os obstáculos ainda teimosamente existentes.

No que se refere ao esporte, como se tem estabelecido esse relacionamento? No âmbito governamental, já existem algumas iniciativas de intercâmbio entre os países de língua portuguesa. Uma das mais significativas é a realização, desde 1993, da Conferência de Ministros Responsáveis pelo Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Na ocasião de sua primeira edição, foi lançada a “Carta dos Desportos da Língua Portuguesa”, estabelecendo os princípios de uma colaboração mais estruturada.

Ainda no âmbito de políticas governamentais, desde 2005 percebe-se uma relação mais intensa entre o governo brasileiro e o de Angola. Na ocasião, foi lançado, em Luanda, o “Programa Segundo Tempo”, que o Ministério do Esporte do Brasil já desenvolvia desde 2003; trata-se de um projeto de promoção de inserção social por meio da prática esportiva.

Juntamente foi também implementado o “Projeto Pintando a Liberdade”, no qual presos da Cadeia Pública de Viana produziam bolas para serem utilizadas nas atividades do programa anterior: o nosso país contribuiu não só com a ideia e com a tecnologia, como também com 11 toneladas de matéria-prima.

A despeito dessas ocorrências, no âmbito da investigação científica, que tem o esporte como tema, não identificamos grande número de iniciativas de colaboração entre os países africanos de língua portuguesa e o Brasil. Mesmo que já há 18 anos venham sendo realizados os Congressos de Educação Física e Ciências do Esporte para Países de Língua Portuguesa, em que o Brasil e Portugal desempenham papel de liderança, esses importantes eventos ainda não foram capazes de desencadear um movimento generalizado de intercâmbio e contribuição acadêmica.

De fato, os estudos relacionados ao esporte, notadamente os de natureza sociológica, antropológica e histórica, parecem pouco estruturados nos países africanos de língua portuguesa. Mesmo em Portugal, só recentemente a prática esportiva tem sido alvo de maiores



preocupações por parte de pesquisadores ligados às ciências sociais e humanas, como demonstra a observação de Nina Tiesler e João Coelho:<sup>7</sup>

Dedicado ao futebol, este número temático da *Análise Social* quebra uma tendência geral de indiferença das ciências sociais em Portugal em relação ao estudo do futebol. No caso da sociedade portuguesa, a centralidade social do futebol é por demais inegável, tornando surpreendente, não só para acadêmicos internacionais, o número muito limitado de estudos neste campo no país.

Para traçar um panorama do que já foi produzido sobre o assunto, foram realizadas consultas nas seguintes bases: a) plataforma de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em mais de 60 títulos nacionais e internacionais, entre os anos de 1970 e 2007, específicos do esporte, África ou cultura portuguesa em geral;<sup>8</sup> b) sítio da Los Angeles 84 Foundation, em mais de 20 periódicos internacionais ligados ao esporte, onde prospectamos cerca de 400 referências;<sup>9</sup> c) página do African Studies Center;<sup>10</sup> d) Scielo;<sup>11</sup> d) projeto Memória da África.<sup>12</sup> Procedemos ainda uma busca exaustiva, fazendo uso de recursos do *Google* (geral, acadêmico e livros).

No que se refere a livros, foram encontradas duas coletâneas internacionais: os artigos são escritos majoritariamente por europeus ou norte-americanos, não poucas vezes eivados de certo etnocentrismo. Nenhum era relativo aos países de língua portuguesa.

No tocante aos periódicos, duas iniciativas recentes demonstram que o tema começa a ser mais considerado pelos pesquisadores que se dedicam a estudar a África. No ano de 2006, o periódico *Afrika Spectrum*, editado pelo Institut fur Afrika-Kunde/German Institute of

<sup>7</sup> Nina Clara Tiesler e João Nuno Coelho, "O futebol globalizado: uma perspectiva luso-cêntrica", *Análise Social*, vol. XLI, n. 179 (2006), p. 315.

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br/>, acessado em 19/07/2007.

<sup>9</sup> Disponível em <http://search.la84foundation.org/>, acessado em 19/07/2007.

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.ascleiden.nl>, acessado em 19/07/2007.

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.scielo.org>, acessado em 19/07/2007.

<sup>12</sup> Disponível em <http://memoria-africa.ua.pt/Default.aspx>. Nesse sítio, identificamos muitas matérias sobre o assunto, publicadas em boletins e periódicos de natureza informativa; neste momento não foi possível acessar esse material, que fica guardado para uso futuro.



Global and Area Studies, lançou um número dedicado ao futebol. Entre os artigos, encontramos o belo ensaio de Bea Vidacs, cujas reflexões vão ao encontro de nosso intuito com esse estudo:

Argumento nesse artigo que a prática dos esportes modernos na África tem sido negligenciada, a despeito de sua grande importância para os africanos. Sugiro que isso está relacionado em parte à deficiência dos estudos sobre o esporte e em parte pela idéia de pesquisadores que o esporte é algo trivial e seu estudo não pode contribuir para a solução dos graves problemas da África.<sup>13</sup>

Nessa importante iniciativa acima, nenhum dos artigos discute o caso dos Países de Língua Portuguesa. Já em *Ufamahu: a Journal of African Studies*, números 2 e 3, publicado sob a responsabilidade da Universidade da Califórnia e lançado no segundo semestre de 2007, uma edição também dedicada centralmente ao futebol, encontramos um artigo sobre Angola, de autoria de Todd Cleveland.<sup>14</sup>

A despeito da importância de ver o país considerado nos estudos de pesquisadores da África que começam a se dedicar ao tema esporte, o artigo de Cleveland trata, na verdade, de uma descrição dos comportamentos dos angolanos por ocasião da classificação da seleção nacional para a Copa do Mundo de 2006 (Alemanha). O autor se encontrava no país naquele instante e seu texto é basicamente um conjunto de impressões sobre a comoção e as festividades públicas.

Assim, se considerarmos a profundidade da reflexão, o artigo de Domingos sobre o futebol em Moçambique continua sendo a melhor e uma das únicas referências que temos sobre o esporte nos países africanos de língua portuguesa.<sup>15</sup> No âmbito dos estudos ligados às ciências humanas e sociais, que têm a prática esportiva como objeto, há ainda um oceano que nos distancia dessas nações.

<sup>13</sup> Bea Vidacs, "Through The Prism of Sports: Why Should Africanists Study Sports?", *Afrika Spectrum*, n.41/3 (2006), p. 344.

<sup>14</sup> Todd Cleveland, "Angola Is Not Just About Oil, War and Poverty: Reflections on Angolan soccer, nationalism and the run to the 2006 World Cup Finals", *Ufamahu: a Journal of African Studies*, 33/2 e 3 (2007), p. 14-23.

<sup>15</sup> Domingos, "Futebol e colonialismo", p. 414.



Dada a escassez de estudos acadêmicos produzidos e o fato de esse artigo ter sido escrito ainda sem uma investigação sistemática maior em arquivos e bibliotecas de Angola, estabelecemos como estratégicas: a) o diálogo com a produção teórica mais ampla, não específica de esporte, cujo tema é, de alguma forma, relacionado aos países africanos de língua portuguesa; b) o diálogo com a literatura desses países; c) a consulta de matérias jornalísticas, em busca de traçar uma cartografia inicial das questões/representações que emergem no cotidiano dos países a serem investigados.

Nesse último caso, fizemos uso prioritário de reportagens disponíveis no sítio da agência de notícias: a *AngolaPress*. Foram investigadas informações relativas aos quatro últimos anos (2004-2007), período escolhido por questões operacionais (disponibilidade nas páginas), mas também por ter sido marcado por importantes acontecimentos esportivos, notadamente a Copa do Mundo de Futebol de 2006 e o Campeonato Africano de Basquete de 2007. O momento de reestruturação pós-acordo de paz (2002) permitiu também maior organização da política esportiva.

## O período colonial: primeiros momentos de uma relação

Bittencourt demonstra que em Angola, já nas últimas décadas do século XIX, o Brasil passa a ser encarado como uma referência em função dos primeiros momentos de uma tomada de consciência acerca da condição colonial, algo que tem relação com as mudanças no quadro político de Portugal.<sup>16</sup>

Vale registrar que é também, nessa ocasião, que se estruturam em Angola as primeiras experiências esportivas modernas, algo que tem forte relação com o próprio quadro de mudanças socioculturais: um processo de urbanização, a mudança na economia e nos regimes de trabalho, maior controle do estado e a alteração das hierarquias sociais. Isso ocorre em um momento em que a antiga elite crioula local estava sendo substituída pelos europeus, que vinham de Portugal para ocupar postos-chave da administração colonial. Acirram-se os conflitos, inclusive de

<sup>16</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 121.





natureza racial, algo que se reflete no campo esportivo, com a criação de clubes específicos para os brancos da metrópole, uma tentativa de recriar os parâmetros europeus de vida, ao mesmo tempo em que se estabeleciam elementos de *status* e distinção.

No mesmo contexto, como resistência e reafirmação, também foram criados os “clubes de pretos”, que aglutinaram não só os “indígenas”, como os mestiços e mesmo alguns portugueses que não concordavam com o processo de distinção, um encontro que gestou uma nova possibilidade de construção de identidade e mesmo selou alianças de reivindicação e luta. Essas agremiações merecem uma discussão mais aprofundada.

Para tal, voltemos a dialogar com Bittencourt. Segundo o autor,<sup>17</sup> já na década de 1950, encontramos outro importante marco de estabelecimento de vínculos entre Angola e Brasil: o discurso luso-tropicalista de Gilberto Freyre é utilizado pelo poder português como estratégia para enfraquecer as reivindicações e as mobilizações de grupos de contestação anticolonial.

Se tivermos em conta a já comentada relação do pensamento de Freyre com o futebol e que, nessa década, se inicia o primeiro grande momento de sucesso mundial do futebol brasileiro (que começa com a organização da Copa do Mundo de 1950, ainda que essa tenha ficado marcada pela derrota na final, passa pelo bicampeonato de 1958/1962 e tem seu auge com a conquista de 1970), veremos que é possível supor que as vinculações esportivas entre os países africanos e o Brasil encontravam um terreno fértil para se estabelecerem.

Se um dos argumentos de propaganda do suposto sucesso da colonização portuguesa era a ideia de multiracialidade, nada mais adequado para a Metrópole do que exaltar a excelência da equipe de uma ex-colônia, composta por jogadores de diferentes etnias, com um desempenho jamais visto, um jeito único de jogar.

Aliás, vale lembrar que esse é também o momento do início da brilhante trajetória de Eusébio, negro, nascido em Moçambique, jogador da seleção portuguesa de futebol, sempre lembrado e reconhecido como

<sup>17</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 118.



um dos melhores do mundo. Curiosamente, e também um indicador dos vínculos estabelecidos, Eusébio começou sua carreira em sua terra natal, na equipe “Os Brasileiros”, e muitas vezes foi chamado de “Pelé da Europa”.

Um indício dessa longa relação de admiração é a presença tão comum de jogadores e técnicos brasileiros nas equipes africanas de futebol. A lista seria imensa, para resumir, basta lembrar do caso de equipes locais que homenagearam clubes brasileiros. Do presente, merece destaque o “Santos Futebol Clube”, de Angola, cuja denominação é uma referência à Fundação Eduardo Santos, a entidade mantenedora, mas também uma homenagem ao clube paulista, admirado pelos angolanos desde a época de Pelé. A camisa e o escudo também fazem referências diretas à agremiação da Vila Belmiro.

Do passado, não se pode deixar de lembrar do “Botafogo” de Angola. Segundo Bittencourt:<sup>18</sup>

As referências brasileiras em Angola se fariam sentir ainda através de uma outra ligação às redes clandestinas de contestação ao poder colonial. Nos anos 50 do século passado, um dos locais dessa agitação seria o Botafogo. O clube era um local de encontro que permitia fazer algum trabalho clandestino de conscientização política. O nome era devido ao clube carioca e se dedicava, na sua área desportiva, quase integralmente ao futebol.

Segundo o autor, o clube reunia personagens ligados ao nacionalismo e sua estrutura ajudava na circulação de livros brasileiros, muito utilizados naquele momento no âmbito das lutas anticoloniais. No *site* da União de Escritores Angolanos, encontramos uma entrevista de Manuel Pedro Pacavira, literato militante e politicamente ativo, em que afirma: “Forjei-me na escola da vida, começando a escrever num jornal manuscrito do nosso Botafogo, nos anos 1958-59”.<sup>19</sup>

Parece claro que algumas agremiações esportivas, até mesmo por serem a princípio menos “suspeitas”, ocuparam um papel importante na mobilização dos envolvidos com as lutas de libertação de Angola.

<sup>18</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 119.

<sup>19</sup> Manuel Pedro Pacavira, entrevista, [http://www.uea-angola.org/destaque\\_entrevistas1.cfm?ID=801](http://www.uea-angola.org/destaque_entrevistas1.cfm?ID=801), acessado em 17/10/2007.





Há, na verdade, um histórico de envolvimento de líderes das lutas pela independência com as atividades esportivas. Aníbal de Melo, Demóstenes de Almeida (chamado nos dias de hoje de patrono do esporte angolano), Câmara Pires e Saldanha Palhares estiveram entre os que mobilizavam a juventude para agremiações esportivas que tinham, na verdade, objetivos políticos claros, entre os quais podemos citar o “Atlético”, de Luanda, o “Unidos” e o “Estudantes”, do bairro operário”, o “Benfica”, de Marçal, e o “Fluminense”, do bairro indígena.<sup>20</sup>

Outros indicadores interessantes podem ser encontrados no livro de memórias de Sócrates Dáskalos,<sup>21</sup> importante dirigente do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Ao narrar sua juventude em Angola, nas décadas de 1930-1940, relembra como o futebol e o ciclismo, entre outros esportes, eram importantes para a população da cidade de Huambo.

Segundo suas palavras, em função da grande paixão que desencadeava, o futebol de alguma forma contribuía para atenuar os preconceitos, já que um bom jogador negro era mais facilmente aceito nos clubes. Este é um ponto de vista questionável, pois podemos argumentar que isso pouco contribuía para reduzir efetivamente as barreiras impostas. De outro lado, parece inegável que a oportunidade de maior exposição pública fosse algo interessante para o quadro da época.

Sócrates lembra ainda que os estudantes da cidade criaram a Associação Acadêmica de Huambo, que também se dedicava às artes plásticas e à literatura. Segundo ele, essa agremiação acabou dando origem a outro núcleo, cujos fins políticos eram mais explícitos: a clandestina Organização Socialista de Angola.

Não surpreende, logo, que grande parte dessas agremiações, inclusive o já citado “Botafogo”, nos anos iniciais da década de 1960, tenham sido fechadas e seus membros, perseguidos por ocasião do acirrar dos conflitos de natureza étnica e pró-independência. Na mesma

<sup>20</sup> Para maiores informações, ver a matéria de Marcelino Camões, “Três décadas desde a Independência Nacional, desporto e política continuam de mãos dadas”, publicada no sítio da agência de notícias *AngolaPress* em 10 de novembro de 2005: <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.

<sup>21</sup> Sócrates Dáskalos, *Um testemunho para a história de Angola*, Luanda: Veja, 2000.



ocasião, para escapar da forte repressão, muitos militantes fogem para Leopoldville, atual Kinshasa, no Congo, país que passara recentemente com sucesso pelo processo de independência.

Naquele país reorganizava-se a resistência. Uma das ações implementadas foi a criação de uma seleção de futebol chamada “N’gola Livre”, algo similar ao que bascos e catalães também fizeram na Espanha.<sup>22</sup> Essa equipe, que tinha o atual presidente José Eduardo dos Santos como centroavante, disputava amistosos com os times africanos por ocasião de datas marcantes ligadas à causa.

Vemos que não é por acaso que alguns anos depois podemos encontrar afirmações como a do já citado Marcelino Camões.<sup>23</sup>

Angola comemora nesta sexta-feira 30 anos de Independência, e numa incursão aos caminhos trilhados pelos que se bateram por tão almejado triunfo, é visível o casamento entre a política e o associativismo desportivo durante a luta de libertação nacional. Devido à repressão, o desporto, particularmente o futebol, serviu de trunfo para os angolanos envolvidos na resistência contra a ocupação colonial.

Se a princípio a prática esportiva, notadamente o futebol, era encarada pelas estruturas portuguesas de poder como estratégia para reforçar os vínculos coloniais, logo o “feitiço vira contra o feiticeiro”: ela vai ser apreendida em sentido oposto, compondo uma linha de ação diferenciada: a busca de liberdade.

Se o futebol brasileiro era apresentado por Portugal como exemplo do sucesso do luso-tropicalismo, para os das colônias africanas pode também ter sido considerado em sentido contrário, ao menos diverso: uma demonstração do êxito de quem se libertou do jugo do dominador, uma compreensão que nos parece reforçada, se tivermos em conta que o Brasil foi uma importante referência para os movimentos nacionalistas,<sup>24</sup> uma nação que “emergia como um espaço onde se projetavam os sonhos de

<sup>22</sup> Para maiores informações sobre o que ocorreu na Espanha, ver Gilberto Agostino, *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, Rio de Janeiro: Mauad/Paperj, 2002.

<sup>23</sup> Disponível em <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.

<sup>24</sup> Bittencourt, “As relações”, p. 126.



uma sociedade marcada pelas limitações marcantes no quadro de exclusão da realidade colonial”.<sup>25</sup>

Afirma Chaves:<sup>26</sup>

O sentimento [...] era partilhado nas duas costas africanas, com firme passagem pelo Arquipélago de Cabo Verde. Por cima das enormes diferenças que caracterizavam os territórios por onde se espalhou o colonialismo português, as diversas formas de representação do Brasil surgiram compondo um eixo que seria expressivo no projeto de transformação a ser desencadeado nos vários pontos. Um olhar atento sobre os anos que se seguiram ao fim da Segunda Grande Guerra ajuda-nos a compreender essa relação na sua funcionalidade, ou seja, permite-nos avaliar alguns aspectos que orientavam aquelas sociedades para essa projeção. E vamos encontrar pontos de apoio nos debates sobre a questão da identidade nacional que ganhava corpo naquele agitado período.

Se seguirmos a linha de argumentação dessa autora, de que a experiência africana teve que lidar, de forma tensa e contando com as dificuldades inerentes às peculiaridades de suas histórias, simultaneamente com a oposição ao colonial e com a necessidade de investimento em algumas dimensões da modernidade, e de que, nesse percurso, o Brasil se apresentou como um dos interlocutores principais, estabelecendo a possibilidade de um diálogo cultural, é possível supor que o futebol tenha sido um dos elementos mobilizados e elencados nesse processo.

O próprio diálogo com a literatura brasileira pode ter sido mais uma das portas de entrada para o futebol. Basta lembrar que alguns dos autores brasileiros lidos pelos angolanos também estavam a incorporar o esporte em suas obras, caso notável do já citado José Lins do Rego, mas também de Marques Rebelo e Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Discutamos mais profundamente esse aspecto.

<sup>25</sup> Rita Chaves, “O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa”, in Rita Chaves (org.), *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2007). Artigo disponível em <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar>, acessado em 22/10/2007.

<sup>26</sup> Chaves, “O Brasil”, <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar>, acessado em 22/10/2007.





## Esporte e literatura: vínculos

Um dos grandes vínculos com o Brasil se estabeleceu, como demonstra Bittencourt,<sup>27</sup> por meio de acesso à literatura. Rita Chaves reforça essa percepção:<sup>28</sup>

Trata-se da projeção do Brasil, em imagens diferenciadas, na formação do pensamento nacionalista de países como Angola, Cabo Verde e Moçambique. Principalmente através da literatura, mas não só, a cultura brasileira desempenhou um forte papel no processo de conscientização de muitos setores da intelectualidade africana, fornecendo parâmetros que se contrapunham ao modelo lusitano.

Seria exagerado pensar em uma relação extremamente linear: países africanos-literatura-esporte-política-Brasil, mas é digno de nota que haja muitos indícios de tal relacionamento. Rita Chaves lembra que a cultura nacional, inclusive o futebol, desembarcava naquele país pelos exemplares da revista *O Cruzeiro*. De acordo com a autora:<sup>29</sup>

As letras de um lado e o esporte de outro compunham um quadro de referências de grande utilidade para a configuração de uma identidade já encaminhada para a ruptura com os padrões em vigor. Essa projeção seria ainda alimentada pela música.

É importante perceber como a fala de José Craveirinha, um dos grandes escritores moçambicanos, explicita o quanto futebol e literatura estavam inseridos em um mesmo quadro de valorização dos vínculos simbólicos com o Brasil:

Eu devia ter nascido no Brasil. Porque o Brasil teve uma influência muito grande na população suburbana daqui, uma influência desde o futebol. Eu joguei com jogadores brasileiros, como, por exemplo, o Fausto, o Leônidas da Silva, inventor da bicicleta. Nós recebíamos aqui as revistas. Tem um amigo meu que era mais conhecido como Brandão, futebolista brasileiro [...] Havia essas figuras típicas anteriores a um Didi. E também na área da literatura. Nós, na escola, éramos obrigados a passar

<sup>27</sup> Bittencourt, "As relações", p. 126.

<sup>28</sup> Chaves, "O Brasil", <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar>, acessado em 22/10/2007.

<sup>29</sup> Chaves, "O Brasil".



por um João de Deus, um Dinis, os clássicos de lá. Mas chegados a uma certa altura, nós nos libertávamos. E então nos enveredávamos por uma literatura errada: Graciliano Ramos [...] Então vinha a nossa escolha; pendíamos desde o Alencar. Toda a nossa literatura passou a ser um reflexo da Literatura Brasileira.<sup>30</sup>

Rita Chaves lembra que a obra de Craveirinha tem relação direta com o bairro de Mafalfa, da cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, local de origem do ídolo Eusébio e de Samora Machel, líder da libertação. O bairro era

[...] uma espécie de local mítico onde a diversidade e a tolerância davam o tom. Por essa capacidade de juntar diferenças numa convivência pacífica, o bairro foi sempre associado ao Brasil. Viveiro de músicos, poetas e jogadores de futebol, também era conhecido como bairro de mulatos, embora ali vivesse gente variada e predominasse a religião muçulmana.<sup>31</sup>

O próprio Craveirinha relembra a presença do futebol em seu bairro:

Esse bairro é um bairro muito *sui generis*, esquisito. Portugal vinha aqui para carregar seus craques. Os grandes jogadores portugueses, em parte, saíram daqui desse bairro, Eusébio, Hilário. Hilário esteve, aos 17 anos, como internacional na seleção portuguesa.<sup>32</sup>

A relação do poeta moçambicano com o esporte mereceria por si só um estudo à parte. Craveirinha foi, na juventude, praticante de atletismo e de futebol, destacando-se em ambas as atividades. Esteve também envolvido com o basquete. Sobre sua paixão pela prática esportiva e a simultaneidade desta com seu envolvimento com a literatura, certa feita afirmou:

Amigos meus me perguntam: ‘como é que tu te arrandas com o futebol e a poesia? Não dá! Como é que tu consegues? Como é que tu escreves

<sup>30</sup> Citado por Chaves, “O Brasil”.

<sup>31</sup> Chaves, “O Brasil”.

<sup>32</sup> Mencionado por Rita Chaves, “José Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do mundo”, *Via Atlântica – Revista da área de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa*, n. 3 (1999), p. 142.



isso se tu jogas futebol?’ E eu respondo que tanto o futebol como a poesia não precisam de árbitros, senão entram em falta e uma coisa recomenda a outra. Havia uma corrente que não aceitava que um futebolista pudesse escrever *isso*. Eu sempre gostei de esportes e não via lógica em sacrificar um dos gostos só porque parecia mal, porque eu acho que aquilo que também se chama cultura física é cultura, faz parte das vivências do homem.<sup>33</sup>

Como jornalista, Craveirinha foi responsável pela seção de esporte do semanário *O Brado Africano*, um dos veículos pioneiros do movimento nativista em Moçambique. Sobre a importância de tal envolvimento, afirma:

Nasci ainda mais uma vez no jornal *O Brado Africano*, no mesmo em que também nasceram Rui de Noronha e Noémia de Sousa. Muito desporto marcou-me o corpo e o espírito. Esforço, competição, vitória e derrota, sacrifício até a exaustão. Temperado por tudo isso.<sup>34</sup>

Sua cobertura não se resumia ao tradicional comentário acerca dos resultados das competições: usava seus escritos sobre o esporte para pôr em discussão a questão colonial, a exclusão, o racismo. A linha de argumentação do poeta/jornalista, portanto, ia na contramão do uso estratégico de Freyre, encaminhado por Portugal. Ao escrever sobre futebol, de alguma forma buscava despistar o controle e a censura, inserindo a prática esportiva no quadro de tensões pré-independência.

Craveirinha, na verdade, sempre pensou o esporte no quadro de conflitos políticos e sociais, mesmo depois de concluído o processo de separação jurídica de Portugal. Vale, por exemplo, ver o poema “Mundial de Futebol”, escrito por ocasião da Copa do Mundo de 1986 (México), para percebermos como o seu fascínio pelo espetáculo nunca obliterou seu olhar sobre tudo que o cerca em uma sociedade eivada de desigualdades:

Será boato meus beiços a babarem os verdejantes relvados mexicanos enquanto o povo gasta os dentes em subjetivas bolas de farinha?

[...]

<sup>33</sup> Citação de Chaves, “José Craveirinha”, p. 143.

<sup>34</sup> Segundo Nataniel Ngomane, “José Craveirinha: nota biobibliográfica”, *Via Atlântica*, n. 5 (2002), p. 15.



Aqui onde as crianças adeptas do Futebol Clube Tuberculose  
roem mandiocas fatais com a tal força anímica  
porquê a prioritária urgência em admirar  
um lírico Sócrates a falhar platonicamente um golo mais do que certo?

Mas porquê esta fortuita indigestão de futebóis de dólares  
saboreados nos olhos via satélite e nas enfermarias  
o drama das ampolas de penicilina que não temos?

[...]

Com as hábeis botas do sr. Diego Maradona a chutar-nos  
quants sapatos calçariam os pés dos Meninos  
infutebolizados pelo malfazejo júbilo  
das hienas soltas nas matas?

[...]

Em honra de todos os membros da FIFA  
e todos os espectadores ausentes nas bancadas sol  
vamos vivar os maiores craques aztecas  
e deixar os heróis dos golos em paz  
no território soberano deste papel.

Viva Siqueiros!

Viva!

Viva Orozco!

Viva!

Viva Rivera!

Viva!

E agora palmas à magistral tabelinha  
entre os grandes craques mexicanos  
Emiliano Zapata e Pancho Villa  
heróis do grande campeonato a sério  
desde sempre disputado nos pátrios campos do México [...].<sup>35</sup>

Nuno Domingos capta bem o sentido da ação de Craveirinha no

<sup>35</sup> A versão integral pode ser encontrada em [http://www.macua.blogs.com/moambique\\_para.todos/files/poema\\_mundial\\_de\\_1986\\_a\\_propsito\\_do\\_futebol.doc](http://www.macua.blogs.com/moambique_para.todos/files/poema_mundial_de_1986_a_propsito_do_futebol.doc), acessado em 3/11/2007.



contexto de Moçambique daquele momento pré-independência, algo observável também nas outras colônias portuguesas:

O futebol era, porém, uma actividade mais democratizada, uma possível forma de expressão, num contexto em que os africanos estavam impedidos, com a excepção de uma pequena minoria, de acederem a um conjunto de direitos e actividades monopolizados pela sociedade colonialista. O texto de Craveirinha, valorizando uma actividade menor, no sentido da sua nobreza social, procura tornar o poder simbólico exercido pelo regime colonial. Não estando a salvo de algumas críticas pela forma como, porventura, romântica excessivamente o ‘jogo africano’, Craveirinha [...] procura combater o poder colonialista através de uma ‘revolução do olhar’ sobre a actividade humana, retirando do universo simbólico colonialista a hegemonia da construção de imagens sobre a inteligência ou a criatividade.<sup>36</sup>

O esporte também esteve presente na obra de alguns escritores angolanos envolvidos com os movimentos de contestação. Rita Chaves lembra de Ernesto Lara Filho e suas memórias sobre Didi e sua “folha seca”.<sup>37</sup> No “Poema da manhã”,<sup>38</sup> o autor incorpora a prática dentro de suas referências de construção de soberania nacional para Angola, uma forma de demonstração da excelência de um país que estava por surgir enquanto ente autônomo:

Os nossos filhos  
Negra  
Hão-de-ser belos  
Hão-de-trazer nas veias o sangue mais puro e mais vermelho  
Das raças de Angola  
Hão-de-chegar primeiro nas competições desportivas  
Da América, da Europa e do Mundo.

Outro importante poeta, ligado ao movimento “Vamos descobrir Angola”, na revista *Mensagem* também incorporou o esporte em sua obra. Em *O grande desafio*, podemos ver uma série de elementos bastante comuns na obra de Antonio Jacinto: temas do cotidiano, referênci-

<sup>36</sup> Domingos, “Futebol e colonialismo”, p. 414.

<sup>37</sup> Chaves, “O Brasil”, <http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar>, acessado em 22/10/2007.

<sup>38</sup> Lívia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos (orgs.), *Poesia africana de língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003).



as à infância enquanto um espaço de solidariedade que permite perspectivar um futuro diferente, um claro compromisso político.<sup>39</sup> Pela beleza e pela importância dessa poesia, citamos um longo trecho:<sup>40</sup>

Naquele tempo  
A gente punha despreocupadamente os livros no chão  
ali mesmo naquele largo - areal batidos dos caminhos passados  
os mesmos trilhos de escravidões  
onde hoje passa a avenida luminosamente grande  
e com uma bola de meia  
bem forrada de rede  
bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves  
em alegre folguedo, entremeando caçambulas  
... a gente fazia um desafio...  
O Antoninho  
Filho desse senhor Moreira da taberna  
Era o capitão  
E nos chamava de ó pá,  
Agora virou doutor  
(cajineiro como nos tempos antigos)  
passa, passa que nem cumprimenta  
- doutor não conhece preto da escola.  
O Zeca guarda-redes  
(pópilas, era cada mergulho!  
Aí rapage - gritava em delírio a garotada  
Hoje joga num clube da Baixa  
Já foi a Moçambique e no Congo  
Dizem que ele vai ir em Lisboa  
Já não vem no Mussequé  
Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de pequenino  
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais  
Vai no Sportingue, no Restauraçāo  
outras vezes no choupal  
que tem quitatas brancas

<sup>39</sup> Para uma discussão sobre esses aspectos, ver Benjamin Abdala Junior, "António Jacinto, José Craveirinha, Solano Trindade – o sonho (diurno) de uma poética popular", *Via Atlântica* n. 5 (2002), pp. 30-38; e Rita Chaves, "O passado presente na literatura africana", *Via Atlântica* n. 7 (2004), pp. 147-61.

<sup>40</sup> A versão integral pode ser encontrada em <http://www.angola-saiago.net/arte3.html> (onde também se pode visualizar uma bela ilustração de João Mangericão), acessado em 6/11/2007.



Mas eu lembro sempre o Zeca pequenino  
O nosso saudoso guarda-redes!

[...]

É verdade, e o Zé?  
Que é feito, que é feito?  
Aquele rapaz tinha cada finta!  
Hum... deixa só!  
Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarraava  
vertiginosamente até na baliza.

[...]

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha  
... e a gente fazia um desafio...

Oh, como eu gostava!  
Eu gostava qualquer dia  
de voltar a fazer medição com o Zeca  
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente  
escolhia o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé  
o Venâncio, e o António até  
e íamos fazer um desafio como antigamente!

Ah, como eu gostava...

Mas talvez um dia  
quando as buganvílias alegremente florirem  
quando as bimbas entoarem hinos de madrugada nos capinzais  
quando a sombra das mulemeiras for mais boa  
quando todos os que isoladamente padecemos  
nos encontrarmos iguais como antigamente  
talvez a gente ponha  
as dores, as humilhações, os medos  
desesperadamente no chão  
no largo - areal batido de caminhos passados  
os mesmos trilhos de escravidões  
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroamos  
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças  
vamos então fazer um grande desafio...





Antonio Jacinto, ao inserir o futebol no quadro de suas memórias afetivas, utiliza-o como tema para discutir as tensões sociais e a metáfora para propor a construção de um novo momento para o país. Aliás, como lembra Silvio Carvalho Filho,<sup>41</sup> Jacinto, durante sua infância e adolescência, desafiava os costumes e frequentava os clubes de negros e mulatos, espaços que, como vimos, também foram celeiros do desenvolvimento de um pensamento nacionalista. O poeta, quando Ministro da Educação e da Cultura, logo no primeiro governo pós-independência, foi um estimulador e constantemente acompanhava os campeonatos de futebol organizados pelo país.

O esporte segue presente na obra de alguns autores contemporâneos, mais um sinal da sua relevância no cenário cultural de Angola e Moçambique. Entre os mais conhecidos, podemos citar o angolano Ondjaki (por exemplo, no livro de contos *Os da minha rua*<sup>42</sup>) e o moçambicano Mia Couto, do qual citamos o belo “O mendigo sexta-feira jogando no mundial”, publicado no livro de contos *Fio das missangas*:<sup>43</sup>

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças [...]. Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclavulado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia ao jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shoping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de têvês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-me no passeio, tenho meu lugar cativo lá [...]. É ali no passeio que assisto futebol, [...]. Só há ali um no entanto, doutor. O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador

<sup>41</sup> Silvio de Almeida Carvalho Filho, “As relações étnicas em Angola: as minorias branca e mestiça (1961-1992)”, [http://www.angolanistas.org/ZAZprincipal/r\\_etnicas.htm](http://www.angolanistas.org/ZAZprincipal/r_etnicas.htm), acessado em 26 de novembro de 2007.

<sup>42</sup> “Como num filme, sempre me acontecia isso: eu olhava as coisas e imaginava uma música triste; depois quase conseguia ver os espaços vazios encherem-se de pessoas que fizeram parte da minha infância. De repente um jogo de futebol podia iniciar ali, a bola e tudo em câmara lenta, um dia eu vou a um médico porque eu devo ter esse problema de sempre imaginar as coisas em câmara lenta e ter vergonha de me dar uma vontade de lágrimas ali ao pé dos meus amigos”: Ondjaki, *Os da minha rua*, Lisboa: Caminho, 2007.

<sup>43</sup> Mia Couto, *O fio das missangas*, Lisboa: Caminho, 2004.



cai no chão e se enrola e rebola a exibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me antender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino? [...].

Para concluir este item, não podemos deixar de comentar um dos autores angolanos mais celebrados: Pepetela, cuja obra, inclusive, merece destaque pelo forte caráter biográfico, pelo denotado fundo histórico e pela constante tematização da questão da identidade nacional.

Em *Geração da utopia*,<sup>44</sup> no início da trama, Malongo é um jogador de futebol, cuja representação ajuda a compor o quadro matizado dos personagens. Em grande medida politicamente alienado, namorador, festeiro, beberrão, é o contraponto de Anibal, o ideal do tipo engajado:

Jogador da segunda divisão do Benfica, clube de futebol de prestígio em Lisboa, Malongo personifica — guardadas as proporções — uma caricatura ao mito do “bom e inofensivo selvagem”, fácil no trato e na manipulação. Desprovida de perspicácia, já que esta não zelava pela manutenção dos seus valores, a personagem preocupa-se apenas em desfrutar dos benefícios que o sistema colonial lhe podia ofertar ao assimilar “docilmente” o que lhe era imposto pela voz dominante.<sup>45</sup>

Com Vitor, compartilha dúvidas e, com Sara, um romance que desencadeia uma reflexão sobre a questão do racismo. Ao seu redor, constrói-se parte importante de determinadas representações sobre a formação cultural identitária angolana: ocupa inicialmente essa personagem um papel de ligação com o passado; não a Angola que se quer construir com as lutas de libertação, mas a Angola que é, que existe no tempo da ficção:

Com efeito, dois dos maiores jogadores do Benfica e do *Sporting*, outro clube de prestígio no futebol português, eram africanos e responsáveis

<sup>44</sup> Pepetela, *Geração da utopia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. A primeira edição mundial dessa obra é de 1992.

<sup>45</sup> Robson Lacerda Dutra, “Pepetela e a elipse do herói”, (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007), p. 96.



pela difusão do futebol naquele país. Assim, ambos representam criticamente um aspecto ‘generoso’ da colonização: se do colonizado não se deveria esperar muito por sua ‘irresponsabilidade’, o que ele e os jogadores africanos tinham a oferecer nada mais era que um ligeiro apuramento das relações que sempre existiram entre colonizadores e colonizados (...). Por isso, não eram mais seus braços que descreviam o tipo de relação que se dera com seus antepassados, mas sim suas pernas que, enquanto fossem rígidas e ágeis, lhes concederiam posição de aparente destaque em um meio que, indefectivelmente, lhes fora sempre hostil.<sup>46</sup>

Malongo não vê seus sonhos realizados: depois do “Benfica”, acaba jogando em clubes menores e abandonando o esporte. Vive com uma trupe de circo e, ao final da trama, volta para Angola como empresário: seu reencontro com Vitor, o outrora guerrilheiro pouco convicto que vira ministro, ajuda a compor um forte quadro de desencanto.<sup>47</sup>

Vejamos que há uma clara diferença entre o perfil de jogador, composto por Pepetela, e a ideia já trabalhada de que o esporte pode ter servido como, no mínimo, elemento de aglutinação de pensadores dissidentes. Independente dessas representações, compreensíveis inclusive em função de que os autores aqui abordados produziram sua obra em momentos distintos, parece claro que a prática esportiva, notadamente o futebol, teve algum grau de relevância na trajetória histórica angolana.

Se ainda não temos elementos para afirmar categoricamente que o esporte, assim como parece ter acontecido com a literatura, esteve bastante imbricado no processo de construção da independência de alguns países africanos, algo que tem forte relação com o Brasil, certamente temos substanciais indicadores para propor que nesse âmbito também se estruturaram importantes ações no sentido de lutar por uma soberania nacional e se estabeleceram relações de nosso país com as ex-colônias portuguesas na África.

<sup>46</sup> Dutra, “Pepetela”, p. 97.

<sup>47</sup> Outras discussões sobre a obra de Pepetela podem ser encontradas nos estudos de Rita Chaves, “Pepetela: romance e utopia na história de Angola”, *Via Atlântica*, n. 2 (1999), pp. 217-32; e de Maria de Nazaré Ordóñez de Ablas, “A geração da utopia”, *Via Atlântica*, n. 4 (2000), pp. 258-63.



## A construção de uma nação

Para Paul Darby,<sup>48</sup> um dos pesquisadores que tem sistematicamente estudado o esporte no continente, seria difícil negar que o desenvolvimento do futebol na África esteve enquadrado pelos modelos coloniais, sendo utilizado pelos países europeus como estratégia para impor sua hegemonia e seus valores.

Ainda que seja inegável que tal processo fosse de alguma forma encaminhado, devemos considerar, contudo, que não foi linear nem tampouco alcançou plenamente seus intutos. Como vimos anteriormente, as agremiações esportivas também foram usadas como *locus* de organização política nos momentos que antecederam às independências; no decorrer dos primeiros anos de soberania, quando novos vínculos foram estabelecidos e quando se impôs a necessidade pragmática de construir uma nação, o mesmo se passará. No caso de Angola, diretamente ligado a esse aspecto, devemos considerar cuidadosamente as relações que se estabeleceram com a antiga URSS e com Cuba, países que estiveram envolvidos com os processos de luta pela independência, notadamente com as ações do grupo que ascendeu ao poder (MPLA). Mais à frente, retomaremos essa discussão.

Parece ser mais produtivo considerar não que o futebol substituiu e/ou destruiu as manifestações típicas de cada país, mas sim que foi ressignificado desde o diálogo com as peculiaridades locais, sem negar, todavia, que também, em certa medida, se alcançou algo da intencionalidade estabelecida pela matriz europeia, até mesmo porque o campo esportivo tem constituído fóruns de ressonância internacional (competições e federações), algo interessante para um país recém-liberto. O próprio Darby resume bem a questão:<sup>49</sup>

É significante considerar as capacidades das populações locais para absorver, modificar e adaptar importações culturais como o esporte, para atender suas próprias necessidades e valores [...] Mais ainda, da mesma forma os esportes serviram como fórum de resistência contra a exploração econômica e cultural [...] Isto foi alcançado pela utilização do

<sup>48</sup> Paul Darby, "Africa's Place in FIFA's Global Order: A Theoretical Frame", *Soccer and Society*, v. 1, n. 2 (2000), pp. 36-61.

<sup>49</sup> Darby, "Africa's place", p. 44.





jogo como um mecanismo de expressão política e resistência a pressões hegemônicas da Europa em primeira instância e posteriormente como uma força mobilizadora na construção e promoção do sentimento nacional, internamente e internacionalmente.

Na verdade, a discussão central aqui se refere ao espaço e ao significado do futebol no continente africano: controle ou resistência? Estou de acordo com o autor que parece mais interessante: “[...] explicar o impacto da difusão do futebol na África a partir de um processo de mão dupla de troca de bens culturais, de interpenetração e interpretação que constitui uma hegemonia cultural”.<sup>50</sup> Da mesma maneira, para não operarmos uma visão muito linear acerca do objeto, é bom termos em mente o alerta de Alan Tomlison:

Formas de esporte e lazer cresceram em padrões específicos de condições sociais. As formas de dominação potencialmente estabeleciam formas de resistência, mas não há nenhuma característica inerente ao esporte que o faça um objeto utópico ou subversivo no que se refere às estruturas de dominação.<sup>51</sup>

Assim, parece mesmo ser necessário um olhar mais detido na realidade de cada país, a busca por desvendar de forma mais complexa o quanto a prática do futebol significou possibilidade de resistência (inclusive por ser oportunidade de agrupamento), o quanto se adequou e/ou foi ressignificado pelas características culturais locais (notadamente por ser motivo de festa), o quanto foi mesmo controle: um processo sempre tenso e simultâneo.

Outro aspecto que merece ser discutido é a própria vinculação com o futebol português. Segundo Darby,<sup>52</sup> até os dias de hoje há um relacionamento mais forte dos torcedores com os clubes de Portugal do que com as agremiações de cada país. Uma enquete feita pela BBC

<sup>50</sup> Darby, “Africa’s Place”, p. 45.

<sup>51</sup> Alan Tomlison, “Good Times, Bad Times and The Politics of Leisure: Working Class Culture in the 1930’s in a Small Northern English Working Class Community”, in Hart Cantelon, Robert Hollands (eds.), *Leisure, Sport and Working Class Cultures* (Toronto: Canadian Press, 1988), p. 59.

<sup>52</sup> Paul Darby, “Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial”, *Análise Social*, vol. XLI, n. 179 (2006), pp. 417-33.



(British Broadcasting Corporation) demonstra que, em 1996, somente 15% da população de Moçambique afirmavam preferir o campeonato nacional.

Em Angola, o mesmo se passa: o campeonato português é também acompanhado com fervor. Parece haver um duplo esquema de vinculação: a seleção nacional do país mobiliza a população e cria laços identitários; as agremiações locais nem tanto. Poder-se-ia ver esse fato como o estabelecimento de um elo neocolonial? Não creio que seja possível uma análise tão linear, ainda mais nos dias de hoje, em que os clubes europeus são formados por jogadores originários das mais diferentes nações, inclusive por um grande número de angolanos.

Sem negar outros aspectos, como a influência dos meios de comunicação e a força do poder econômico constituído ao redor do esporte, talvez a explicação seja mesmo mais simples: quando a seleção entra em campo, joga a nação; fora disso, o público prefere mesmo o espetáculo de melhor qualidade, e, nesse sentido, é mais emocionante a competição de Portugal, como também a do Brasil, a da Espanha, a da Itália e as de outros países. Por que então acompanhar a da antiga metrópole e não as de outros países? Por força da tradição: a população há muitos anos acompanha esse campeonato e todo bom torcedor sabe que um dos principais meios de propagação da afiliação a um clube, mesmo que não devamos dispensar a força da mídia, ainda é familiar, dos pais para os filhos.

Na verdade, discutir a formação identitária de Angola, assim como a de outros países africanos, deve ser um esforço eivado de cuidados; é grande a heterogeneidade dos estratos que estiveram em ação: portugueses da metrópole, crioulos/mestiços, negros, grupos étnicos diferentes. Como afirma Carolina Peixoto:

Angola sempre foi um mosaico, o somatório de várias identidades nacionais. A convivência entre várias nações – compostas por distintos grupos etnolíngüísticos com suas particularidades culturais, distribuídos diferentemente pelo território angolano – nunca foi igualitária.<sup>53</sup>

<sup>53</sup> Carolina B. T. Peixoto, “A geração da utopia: formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses (1961-1991)”, in Zakeu Zengo, José Octávio Serra Van-Dunem (orgs.), *Angola: caminhos e perspectivas para o progresso cultural, social e econômico sustentável* (Rio de Janeiro: HP Comunicação Associados, 2007), p. 41.



Além disso, devemos ter em conta o que observa Carlos Serrano:

A participação dos diversos grupos étnicos nesse processo é diferenciada não só na resistência ao colonialismo como também nos diversos momentos históricos em que esse confronto se realiza (diferentes momentos do ponto de vista cronológico)”.<sup>54</sup>

O construir de uma identidade nacional em Angola, uma dimensão central no período pós-independência, sempre teve que lidar com esse quadro complexo, com a mobilização dos discursos étnicos no âmbito dos diversos conflitos, não poucas vezes com ações eivadas, em maior ou menor grau, de violência. Buscar estratégias para construir e expressar o sentimento de uma única Angola e uma suposta angolanidade é uma constante na história recente do país, algo que certamente também envolveu o esporte.

Sigamos a pista de Kelly Araujo, que discute a construção da identidade no período pós-independência:

A identidade nacional começa a ser formada a partir da constituição, administração e burocratização do aparelho de Estado em função de uma rearticulação com a sociedade. A procura por uma identidade nacional não poderia estar em dissonância com a ideologia do Partido, e as opções no plano político e econômico, visando o desenvolvimento, definida segundo os parâmetros ideológicos das experiências históricas do socialismo real, como a de Cuba e a da URSS.<sup>55</sup>

Se tivermos em conta que, no período indicado, no cenário internacional, o esporte estava claramente envolvido nos embates típicos da Guerra Fria (cujo maior indicador era o quadro de recordes e de medalhas das competições internacionais), bem como que tanto Cuba quanto a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) investiam na e faziam uso da prática esportiva como forma de demonstrar a superiori-

<sup>54</sup> Carlos Serrano, “A trajetória da elite intelectual, a ‘Geração de 1950’ e seus projetos de nação”, in Zakeu Zengo e José Octávio Serra Van-Dunem (orgs.), *Angola*, p. 30.

<sup>55</sup> Kelly Cristina Oliveira de Araújo, “Adequação e enquadramento: o projeto político para a identidade nacional em Angola (1975-1979)”, in Zakeu Zengo e José Octávio Serra Van-Dunem (orgs.), *Angola*, p. 62.



dade de seus regimes, é bastante provável que encontremos impactos dessa perspectiva na experiência angolana.

Araújo levanta, inclusive, a influência direta de Cuba em documentos como “Recomendaciones del equipo de cultura, de la delegación cubana de educación, cultura y deportes que visitó la República Popular de Angola durante el mes de septiembre de 1976”.<sup>56</sup> Aliás, em 10 de junho de 1977, Angola independente disputa seu primeiro jogo internacional oficial exatamente contra a seleção cubana; na ocasião, já se compreendia que o futebol funcionava como cartão de apresentação da nação recém-nascida.

Essa é uma dimensão de grande importância para pensar a atual presença do esporte nos países africanos: em função da visibilidade dos grandes eventos e competições internacionais, cresce a influência das agências multinacionais ligadas à organização esportiva, notadamente a da FIFA, desde a escolha da África do Sul como país sede da Copa do Mundo de Futebol em 2010.

Nesse cenário, Darby critica o grau de representatividade concedido aos países africanos:

Análises empíricas podem demonstrar que o núcleo de membros europeus da FIFA tenta monopolizar poder e recursos do mundo do jogo, procurando restringir a influência do terceiro mundo subdesenvolvido no centro das estruturas de decisão política do futebol mundial.<sup>57</sup>

O autor argumenta que há até algumas mudanças nesse quadro, tanto em função de uma certa estabilidade pós-independência de alguns países, quanto da administração do brasileiro João Havelange na FIFA, que olhou com mais cuidado para a realidade africana. Mas as próprias dificuldades internas dos países, de natureza política e econômica, impedem mesmo uma tomada de posição mais frontal à desvalorização que ainda persiste no cenário internacional.

<sup>56</sup> Araújo, “Adequação e enquadramento”, p. 62. A relação entre os países persiste até os dias atuais: em 2007, uma vez mais foram assinados acordos de cooperação, nos quais o esporte está contemplado.

<sup>57</sup> Paul Darby, “Football, Colonial Doctrine and Indigenous Resistance: Mapping the Political Persona of FIFA’s African Constituency”, *Culture, Sport, Society*, vol. 3, n. 3 (2000), p. 41.



De qualquer forma, é inegável o impacto dessas instituições e dos eventos por elas organizados em países como Angola. Uma análise das notícias publicadas na *AngolaPress* permite ver que a participação em competições mundiais é encarada como uma estratégia para a construção de uma boa imagem do país no cenário internacional, bem como uma oportunidade de difusão da cultura nacional.

Antecedendo as competições, observa-se uma conlamação geral para que o selecionado represente bem Angola. Percebe-se, de fato, um duplo nível de expectativa. Nas competições africanas, é grande a cobrança da obtenção de bons resultados; já quando as contendas são mundiais, espera-se que a equipe “faça um bom papel”, “honre o país”.

Às vésperas da estreia da seleção angolana na Copa do Mundo de Futebol/2006 (Alemanha), o escritor, editor e deputado Jacques dos Santos, em entrevista em que comenta o desempenho e as perspectivas de participação da equipe no certame, afirma que a presença de Angola na competição tem ajudado a divulgar a cultura do país pelo mundo, notadamente a literatura.<sup>58</sup>

Na mesma ocasião, a Rádio Nacional de Angola, no intuito de contribuir com a torcida angolana que iria à Alemanha, entregou ao Ministro da Juventude e do Desporto, José Marcos Barrica, uma bandeira nacional com 30 X 8 metros de tamanho. Paulo Gomes, um dos mentores da iniciativa, explicitara que tal ideia tinha relação com a divulgação da imagem e da cultura do país no exterior.<sup>59</sup>

Ao agradecer o presente, apelou o ministro: que os torcedores se lembrem de respeitar as normas de convivência, pois “É o nome de Angola que está em jogo, portanto, os adeptos devem portar-se como verdadeiros angolanos”.<sup>60</sup> Vejamos, portanto, que as preocupações não se referem somente ao que ocorre nos gramados, mas também a todos os espaços onde pode ser referenciado o país.

No mesmo sentido, vemos a fala do Vice-ministro da Juventude e

<sup>58</sup> *AngolaPress*, 12 de junho de 2006, <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.

<sup>59</sup> *AngolaPress*, 6 de junho de 2006, <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.

<sup>60</sup> *AngolaPress*, 6 de junho de 2006.



do Desporto, Albino Conceição, por ocasião da realização do Campeonato Africano de Basquete em Angola (2007). Ele pede a colaboração de todos os angolanos, inclusive no que se refere à boa recepção dos turistas e à limpeza e à preservação dos locais públicos, lembrando que a imagem do país está em jogo. Segundo ele, isso será fundamental para que a nação seja considerada competente: “Todos estão directa ou indirectamente ligados ao evento. Por isso o comportamento do cidadão vai espelhar o nosso nível de organização para futuros eventos”.<sup>61</sup>

Na mesma ocasião, ao ser perguntado sobre o envolvimento da sociedade angolana nesse evento, responde o ministro Marcos Barrica:

A sociedade tem um envolvimento múltiplo. Há aqueles que estão à espera que o Estado crie condições e eles participam nelas. Há outros que procuram uma maneira de ter rendimentos. No geral, creio que a sociedade está expectante, a população sabe que haverá o Afrobasket. É uma modalidade que mobiliza muitos aficionados, há por isso a expectativa de se assistir as melhores selecções de África, e particularmente a Selecção Nacional. Gostaríamos que a sociedade se envolvesse mais, não apenas na criação de oportunidades para os seus negócios, mas também na apresentação nas suas cidades, a imagem sobretudo que passa pela limpeza da mesma e de outros aspectos que permitem aos visitantes sentirem-se confortáveis.<sup>62</sup>

Dentro desse quadro de expectativas, pode-se entender por que a imprensa muito comemorou a escolha de Angola como sede do Campeonato Africano de Nações de Futebol, a ser realizado em 2010: isto foi interpretado como resultado da melhoria do país e de uma nova imagem internacional, frutos das acertadas ações políticas. Além disso, enfatizava-se que tal evento traria ainda mais investimentos para o desenvolvimento da infraestrutura nacional, com destaque para os equipamentos esportivos e para o que esteja relacionado ao turismo.

Aliás, parece claro tanto para o Ministério da Juventude e do Desporto quanto para o Ministério da Hotelaria e Turismo que as com-

<sup>61</sup> *AngolaPress*, 11 de agosto de 2007.

<sup>62</sup> *AngolaPress*, 12 de junho de 2006, <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.





petições esportivas têm grande relação com o desenvolvimento do potencial turístico do país, o que passa pela questão da imagem que ele constrói quando sedia eventos internacionais.

Essas dimensões anteriores se articulam com a ideia de patriotismo, algo de grande importância para discutirmos as representações sobre a construção de uma identidade nacional, no caso de Angola muito relevante, tendo em vista o conflito que tomou conta do país durante muitos anos, isto é, em um país muito dividido pela guerra, o esporte pode bem funcionar como um elemento de união em torno de uma bandeira.

Obviamente que devemos considerar o quanto de ideal há nessa representação. O fato de a população de um país se envolver profundamente ao acompanhar um selecionado em uma competição internacional, mesmo cantando hinos e desfilando com bandeiras, não garante que isso possa ser extrapolado para outros momentos. Da mesma forma, deveríamos discutir se patriotismo significa simplesmente o louvar símbolos nacionais. De qualquer maneira, não parece prudente abandonar a força discursiva do que é expresso notadamente pela imprensa e/ou pelos discursos governamentais.

Por ocasião da Copa do Mundo da Alemanha, se seguirmos as representações da imprensa, parece que um clima de patriotismo tomou conta de Angola. *AngolaPress* informa:

Dísticos, bandeiras da República de Angola e outro material estão instalados nas chancelas das bases petrolíferas, edifícios das repartições públicas, unidades militares, ruas e bairros, criando-se um ambiente festivo e de total apoio aos Palancas Negras presentes no Mundial de futebol.<sup>63</sup>

Na despedida da seleção, que contou com cerca de três mil pessoas dos setores mais influentes de Angola, o Ministro Marcos Barrica reforça a ideia de que a participação na Copa tem relação com a própria história do país, certamente um discurso ideal ou ao menos uma construção narrativa que lança um projeto para a nação: “a grandeza da história e da alma dos angolanos rejeita a idéia da humilhação antecipada”. De acordo com o ministro,

<sup>63</sup> *AngolaPress*, 12 de junho de 2006.



[...] a habitual humildade da equipa deve ser permanente, mas com a necessidade de determinação, como um derradeiro soldado que não tomba no primeiro disparo [...] do adversário. Nesta hora singular todos os angolanos irmanados sob a mesma bandeira, unidos no mesmo sentimento têm consciência das limitações da sua selecção nacional, e da dimensão das dificuldades a enfrentar diante dos adversários.<sup>64</sup>

Chama a atenção a convocatória do ministro, um discurso eivado de imagens bélicas, conclamando todos a se unirem para a “luta” que está por vir. O Presidente da Assembleia Nacional, Roberto de Almeida, reforça essa ideia ao pedir aos jogadores “uma atitude patriótica e exemplar, visando uma melhor prestação do país no Campeonato Mundial de futebol”. Pediu ainda para “honrarem, com dignidade, as cores da bandeira nacional”.<sup>65</sup> Não é um time de futebol que está em jogo: é a nação.

Em uma ordem mundial em que a ideia de nação é frágil perante o poder das empresas transnacionais, algo que tem impacto maior nos países em desenvolvimento, e em que as organizações internacionais (ONU - Organização das Nações Unidas, Unesco - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, etc.) se encontram fragilizadas e dominadas pelo poder dos países mais ricos, as competições esportivas acabam se apresentando como um dos principais fóruns para se louvar e exaltar a ideia de pátria, algo ainda de grande importância para nações que recentemente se tornaram independentes, como é o caso dos países africanos de língua portuguesa.

Nos organismos internacionais, os países em desenvolvimento encontram dificuldades de interferir no processo decisório. No âmbito das competições esportivas, ainda que marcadas pelas mesmas situações de desigualdade, essas nações tornam-se mais ativas, conhecidas, até mesmo surpreendentes: há sempre a possibilidade de uma vitória, de um empate ou mesmo de somente uma bela atuação, que será celebrada pela população, com o incentivo constante de dirigentes e da imprensa, como uma grande conquista, para alguns também um reflexo dos “avanços do país”.

As competições permitem uma performance pública internacio-

<sup>64</sup> *AngolaPress*, 9 de junho de 2006.

<sup>65</sup> *AngolaPress*, 9 de junho de 2006.





nal de nação pouco encontrável em outros espaços contemporâneos. Como bem capta Giulianotti:

Em longo prazo, a mais importante função do futebol e outros esportes para a África tem relação com seu potencial como meio de comunicação entre culturas. Especificamente, a adulação mundial concedida às estrelas esportivas, bem como a constante cobertura da mídia cria uma ponte de mediação entre os mundos desenvolvidos e em desenvolvimento. Os sucessos de atletas africanos na cena internacional fornecem imensas oportunidades educacionais para explicar às vezes terríveis origens regionais e nacionais dessa elite de praticantes.<sup>66</sup>

Nesse aspecto, há ainda um importante elemento a discutir: a figura do herói, tão bem tematizada no já citado filme *O Herói*, de Zezé Gamboa. O cineasta traça com acuidade, quase que seguindo a linha documental que marcou suas realizações anteriores, as dificuldades por que passa Angola depois de tantos anos de guerra. Conduzindo a narrativa, encontramos Vítorio, que esteve envolvido com o conflito dos 15 aos 35 anos e fora desmobilizado por ter pisado em uma mina. Morando nas ruas, em busca de uma prótese para a perna esfacelada, encarando como pode as dificuldades, o personagem é uma metáfora do povo angolano, inclusive no expressar de suas contradições.

Vítorio tenta conseguir um emprego e alguma forma de ser respeitado, sempre lembrando que é um herói de guerra, exibindo sua medalha por onde passa. Contudo, ninguém parece mais ligar para isso, imerso no árduo quadro de dificuldades de um país em reconstrução. Mas uma nação que viveu tantos anos em guerra teria facilmente abandonado a ideia do herói? Ou novos heróis teriam surgido nesse cenário de desconfiança, inclusive com a geração que, tendo chegado ao poder, em certo sentido, fracassou no encaminhar das utopias que tinham norteado o processo de independência do país?

Talvez aqui encontremos elementos para pensar outra faceta do

<sup>66</sup> Richard Giulianotti, *Sport and Social Development in Africa: Some Major Human Rights Issues*. 1999 (Papers from the First International Conference on Sports and Human Rights/September/Sydney/Australia, <http://www.ausport.gov.au/fulltext/1999/nsw/p18-25.pdf>, acessado em 17/11/2007).



papel do esporte em Angola, e, em certo sentido, em outros países africanos: os atletas são os novos heróis, ainda capazes de, de certa forma, unificar o país, mesmo que por alguns instantes, em torno de um objetivo; são os lutadores de um novo contexto em que as utopias são outras.

Curioso perceber como, intencionalmente ou não, essa hipótese parece reforçada no já citado *Para não esquecer Angola* (2006). No filme de Marcelo Luna, uma cena de esporte vai encerrá-lo, no momento em que se fala da reconstrução do país: o gol que classificou Angola para a Copa do Mundo de 2006: o último grande feito do país.

Dentro desse contexto multifacetado de interesses diversos (imagem, interesses econômicos, patriotismo, reconstrução da nação), é natural que encontrássemos uma forte ligação entre esporte e política, no atual contexto bastante relacionada à ideia de unidade nacional.

*AngolaPress*, em 12 de outubro de 2006,<sup>67</sup> informa que, em mesa de debate realizada em Luanda, no programa “Parlamento”, da Televisão Angolana, o representante do MPLA, Rui Falcão, o da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), Kamalata Numa, o do PRS (Partido de Renovação Social), Lindo Tito, e o do PSD (Partido Social Democrata), José Pedro, foram unâimes em concordar que um exemplo de unidade nacional foi as festividades populares observadas por ocasião da participação angolana na Copa do Mundo de futebol. O sentimento geral é que as competições são oportunidades de reafirmação da angolanidade, cujo uso pode ser de grande utilidade para o país, ainda mais em momento de reconciliação e reconstrução.

Em sentido semelhante, vemos, publicada na *AngolaPress* no mesmo dia, uma fala do Vice-ministro Albino da Conceição. Para ele, a importância do esporte em Angola está relacionada à contribuição do MPLA para massificar sua prática, mesmo em tempo de guerra. O fato de o governo ter criado federações e incentivado a participação de equipes em competições internacionais teria contribuído para que as seleções passassem a ser “um símbolo de unidade e reconciliação nacional, unindo o povo independentemente das opções religiosas ou políticas”.

<sup>67</sup> Disponível em <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.



Mais à frente, Albino afirma, de forma ainda mais categórica: “A vitória dos palancas negras passou a ser colectiva e a experiência demonstra que quanto maior forem os triunfos, mais são os cidadãos que desenvolvem o espírito de união”. Como bem capta Marcelino Camões, acerca das conquistas esportivas angolanas recentes: “A maneira como a euforia tomou conta dos políticos em todo o país, depois do triunfo, demonstra claramente que desporto e política continuam de mãos dadas”.<sup>68</sup>

Percebem-se ainda algumas situações de explícito uso da popularidade do esporte em celebrações ou para interesses específicos. Por exemplo, em abril de 2007, por ocasião do Dia da Paz e da Reconciliação Nacional, quando foram organizadas festividades para comemorar o 5º aniversário do fim da guerra civil, como culminância foi organizado um amistoso entre a equipe nacional e o selecionado da República Democrática do Congo.

Interessante observar ainda a matéria publicada no Jornal Angolense: “Desportistas são a ‘jóia da coroa’ dos comitês de especialidade do MPLA – Camaradas querem aproveitar a popularidade”.<sup>69</sup> A reportagem trata do uso da imagem de esportistas famosos pelo partido que vem conduzindo o país desde a independência.

No seu comitê ligado ao esporte, o MPLA possui cerca de 800 filiados, inclusive algumas das personalidades mais notórias de Angola, tais como: Akwá, autor do gol que classificou a seleção para a Copa da Alemanha; Oliveira Gonçalves, técnico do selecionado de futebol; Jean Jacque e Miguel Lutonda, estrelas do basquete; e José Sayovo, atleta paraolímpico.

Alguns esportistas, inclusive, já estavam envolvidos na campanha de registro eleitoral que precede as eleições, para o jornal uma prova de que sua popularidade pode ser aproveitada:

Miguel Lutonda – a imagem do basquetebolista já tem sido usada para a sensibilização do registro eleitoral, processo em curso no país. Este é

<sup>68</sup> *AngolaPress*, em 10 de novembro de 2005, <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.

<sup>69</sup> Disponível em [http://www.jornalangolense.com/full\\_index.php?edit=370&id=1487](http://www.jornalangolense.com/full_index.php?edit=370&id=1487), acessado em 6/11/2007.



um exemplo claro de como as figuras públicas podem ser aproveitadas para campanhas, quer de sensibilização para actividades sociais, assim como para fins políticos.

Informa a matéria que mesmo que o MPLA afirme que esse envolvimento não tem relação com benefícios no âmbito da política nacional, garantindo que os esportistas se filiam por livre e espontânea vontade, as outras agremiações partidárias demonstram contrariedade com tal fato:

Todavia, as outras formações políticas, sobretudo a UNITA, já manifestaram várias vezes seu descontentamento pelo facto do MPLA congregar alguns técnicos no seu partido, por considerarem que estes são do país e não de algum partido.

Por fim, afirma o jornal, o MPLA está ainda por trás do Movimento Nacional Espontâneo, que organiza um campeonato de futebol entre os bairros, com o objetivo de projetar a imagem do presidente José Eduardo dos Santos. Vale lembrar que o “Santos Futebol Clube”, de Angola, é mantido pela Fundação Eduardo dos Santos, uma instituição de direito privado, ligada à assistência social, fundada em 1996 pelo próprio atual presidente de Angola. Nada mais explícito nas relações entre esporte e política.

Para encerrar este item, devemos ainda falar brevemente de outra ocorrência bastante constante na Angola dos dias de hoje, algo que está relacionado com as dificuldades econômicas e com as necessidades de promoção de maior igualdade social: a compreensão de que o esporte é uma poderosa ferramenta auxiliar na resolução de problemas sociais.

O esporte é constantemente apresentado como contributo para a melhoria da saúde da população e para afastar os jovens de drogas ou de qualquer forma de delinquência. Não surpreende, aliás, que juventude e prática esportiva estejam sob a responsabilidade de um mesmo Ministério, o da Juventude e do Desporto.

Em abril de 2007, Aurora dos Santos, Diretora Nacional de Ação Social do Ministério da Educação de Angola, em entrevista à *AngolaPress*,<sup>70</sup>

<sup>70</sup> *AngolaPress*, 15 de abril de 2007, <http://www.angolapress-angop.ao/>, acessado em 13/10/2007.



categoricamente afirma que “o desporto diminui a probabilidade de descaminho, dirige o jovem para a prática de tarefas socialmente úteis e influencia na formação da sua personalidade”. Era véspera da realização dos Jogos Nacionais Escolares, cujo tema foi “prevenção da delinquência juvenil”. Para Aurora, “o jovem desportista possui um potencial mobilizador, porque incentiva os amigos a fazerem o mesmo, muitas vezes desviando-os de actividades nocivas à sociedade”.

Enfim, em Angola se observa algo que é comum em todo o mundo, inclusive no Brasil: uma compreensão muito linear das relações entre esporte, saúde e moral. Eivado de grande idealismo, isso não é condizente com o que ocorre concretamente nos espaços da prática esportiva, bem como oblitera um entendimento mais amplo, menos funcional e mecânico da importância do esporte para o grande cômputo da população.

### Breves palavras à guisa de conclusão

Estudos como este, cujo objetivo fundamental é traçar uma cartografia, com o intuito de levantar informações e discussões prospectivas, não se prestam a uma conclusão nos moldes clássicos, devendo essa ser antes um comentário dos debates entabulados.

Os indicadores aqui apresentados abrem perspectivas alvissareiras de investigação. Em Angola, o esporte parece ocupar lugar de importância tanto na sua trajetória histórica quanto na contemporaneidade, apresentando grande inserção nas e articulação com as questões básicas que permeiam o contexto sociocultural do país. Para além dos vínculos simbólicos estabelecidos com o Brasil, identidade nacional, a construção da nação, o uso do esporte enquanto ferramenta de inserção social são certamente dimensões que nos aproximam, merecendo o assunto maior atenção dos pesquisadores dos países envolvidos.

Certamente a continuidade dessas pesquisas e a promoção efetiva de relacionamentos entre os investigadores do Brasil e de Angola, bem como com outros países africanos de língua portuguesa e Portugal, serão fundamentais para melhor compreendermos o quanto o esporte pode nos ajudar a entender mais profundamente a nossa história.



Para concluir, a título de exemplificar a importância da prática esportiva para Angola de ontem e de hoje, usamos as palavras de Luandino Vieira, um dos escritores angolanos mais identificados com as lutas por independência, em entrevista a Alexandra Lucas Coelho (do jornal *Público*), no ano de 2006, quando fora agraciado com o Prêmio Camões de Literatura.

Quando perguntado sobre a missão política do escritor, Luandino afirma que o fundamental da luta pela independência está a salvo. A entrevistadora pergunta, então, o que é fundamental? Responde Vieira:

A independência política. Ninguém a beliscou, muito embora tenham tentado e se continue a tentar. O jogo político no mundo é esse, limitar a independência dos outros. A integridade territorial. Em certa altura da guerra, das guerras de invasão e depois da guerra civil que se generalizou, na mente e nos relatórios de muita gente estava a partição de Angola em bocados. Aliás, Angola, quando proclamou a independência, foi invadida pelo norte e pelo sul, não era para mais nada, era para partir. Não houve uma beliscadura. E a consciência de angolanos. A consciência nacional, que se reforçou. Mesmo com esta terrível guerra dos últimos anos. As pessoas terão motivos de ódio, é um país estilhaçado, mas se perguntarem se são angolanos... Os angolanos passam para o exterior, e aqui em Portugal já várias vezes me acusaram disso: 'Vocês são muito arrogantes'. E eu digo: 'Não, só temos é uma alta auto-estima'. E isso ficou. Se estas três coisas em 30 anos não têm valor... Uma consciência nacional muito forte - e viu-se, *no campeonato [do mundo] de futebol*. Integridade territorial e independência política. Isso dá-me serenidade e confiança para o futuro<sup>71</sup> [grifos meus].

*Texto recebido em 24/12/07 e aprovado em 26/05/10*

<sup>71</sup> Disponível na íntegra em <http://espacotempo.wordpress.com/2006/12/27/luandino-vieira-quebra-um-aparente-silencio-de-quase-30-anos/>, acessado em 6/11/2007.



## Resumo

O grau de popularidade e a presença do esporte por todo o mundo são notáveis. Por tais características, o esporte foi e continua sendo utilizado por regimes políticos e administrações governamentais como estratégia para encaminhar suas propostas de intervenção social e/ou de propaganda de uma suposta eficácia administrativa. Não se deve negligenciar o fato de que é um dos mais potentes elementos de construção de uma identidade nacional. Como isso terá ocorrido em Angola, onde o esporte parece ocupar espaço de grande importância? A prática esportiva teria alguma relação com a construção de uma ideia de nação? Que papel o esporte ocupou em sua história? Este artigo tem por objetivo apresentar alguns apontamentos sobre essas questões, partindo do período colonial e chegando até os dias atuais, em que se apresentam os desafios de construir uma nação depois de muitos anos de conflito bélico.

**Palavras-chave:** esporte – Angola – identidade nacional

## Abstract

*The degree of popularity and presence of the sport worldwide is remarkable. Because of that, sports have been and continue to be used by political systems and governments as a strategy to promote their goals of social intervention and / or propaganda supposedly with administrative efficiency. It should not be forgotten that sports are one of the most powerful elements in building a national identity. How did this unfold in Angola, where sports seems to have great importance? Do sports have some kind of relationship with the idea of building a nation? What role have sports held in Angola's history? This article aims to address some of these issues, from the colonial time to the present, when Angola faces challenges of building a nation after many years of military conflict.*

**Keywords:** sport – Angola – national identity

